

Os textos de um Darcy desconhecido

Além do livro 'Confissões', o senador e antropólogo deixou romance e mais de 60 poemas inéditos

Daniela Name

Darcy Ribeiro costumava dizer que não tinha medo da morte: "O que me assusta é não poder mais viver, porque gosto demais de estar vivo", dizia. Os três livros inéditos do senador e antropólogo — "Confissões", suas memórias; "Joshua", um romance deixado manuscrito, e cerca de 60 poemas — parecem reafirmar o bordão, mas também revelam facetas desconhecidas ou esquecidas de seu autor. A obra, junto aos índios ou como educador, também tem imagens nunca vistas, agora reunidas em duas grandes exposições: "O brasileiro Darcy", que o Museu da República inaugura hoje, e "Darcy e os índios", a partir de sábado, no Museu do Índio.

Inéditos mostram a grande versatilidade do autor

Nos livros, o que impressiona é a versatilidade do senador. "Confissões" — que está sofrendo a última revisão e deve ser editado pela Companhia das Letras ainda este semestre — mostra o estilo verborrágico, reforçado pelo vício em entrevistas. Darcy conta sua vida como quem discursa e a narrativa caótica dedica um bom espaço às mulheres.

— Ele gostava muito de mulher, mas esta história dos amores de Darcy Ribeiro também é um pouco de folclore — acredita a professora Tatiana Memória, que dirige a Fundação Darcy Ribeiro. — Ele teve dois grandes amores na vida: Berta Ribeiro, sua primeira mulher, e Claudia Zarvos, a segunda. Mas, como ele amava a beleza, não resistia às mulheres bonitas.

O volume de poemas será organizado pelo jornalista Moacyr



O ANTROPÓLOGO DARCY Ribeiro na aldeia Kaapor: imagem inédita exposta no Museu do Índio a partir de sábado

Werneck de Castro e ainda não tem título. Nos versos, Darcy carrega no erotismo, mas também fala com insistência na morte. Tatiana conta que a veia poética do amigo só foi desenvolvida nos últimos anos de vida.

— Ele começou a escrever em 1992, e a poesia cresceu junto com o avanço da doença — conta ela, que conheceu Darcy em 1961. — Os poemas mostram como ele

gostava da vida. Mas não era um gosto abstrato. Tinha prazer no sol, no mar, na fruta que comia.

O terceiro livro inédito, "Joshua", é um romance que conta a história de meninos de rua. Darcy deixou-o todo manuscrito em cadernos, e escreveu o desfecho na antevéspera de sua última internação. A grande dificuldade para a edição do livro é compreender a letra do senador. Tatiana

tem medo que isso não seja possível e "Joshua" fique na gaveta:

— A letra dele é uma calamidade e não queremos ser infiéis ao que ele pretendia. No fundo, acho que o livro não foi feito para sair, porque o Darcy quebrou completamente seu método de trabalho. Como ele mesmo não entendia sua letra, ditava capítulo por capítulo para as secretárias e só depois disso fazia os ajustes.

NAQUELE CAMINHO ANTIGO, BEM NO alto,

*Eu sempre indo, via vindo,
Aquele mesmo homem, com
aquela mesma caixa.*

(...)

*Que leva aquele homem, naquela
sua caixa.*

*Nunca soube, nunca me perguntei.
Hoje pergunto,*

*Que é o que ele leva sempre, im-
preterivelmente?*

(...)

*Aquele homem indo, eu vindo, ou
vice-versa,*

*Sempre nós dois, cruzando a
mesma estrada,*

*Cada qual portando seu destino.
Ele sua cara e sua misteriosa
caixa.*

*Eu, pobre de mim, o meu destino,
Sem caixa alguma, além da
caixa.*

Trecho do poema "Cara"

AI, MEU DEUS,

que bom viver.

Com minha boca de beijar.

Com minha pica de foder.

Ai, meu Deus,

que bom viver.

Aceso, acendendo a ela.

Amado, amando demais

Trecho do poema "Amar"

A exposição no Museu da República reúne fotos de família e da vida pública do senador, além de documentos e objetos.

— Mobilizei toda a minha equipe para fazer a mostra em tempo recorde — diz Anelise Pacheco, diretora do museu.

Já o Museu do Índio exhibe fotos inéditas do trabalho de Darcy na aldeia dos índios Urubu-Kaapor, no Pará, nos anos 50. ■